

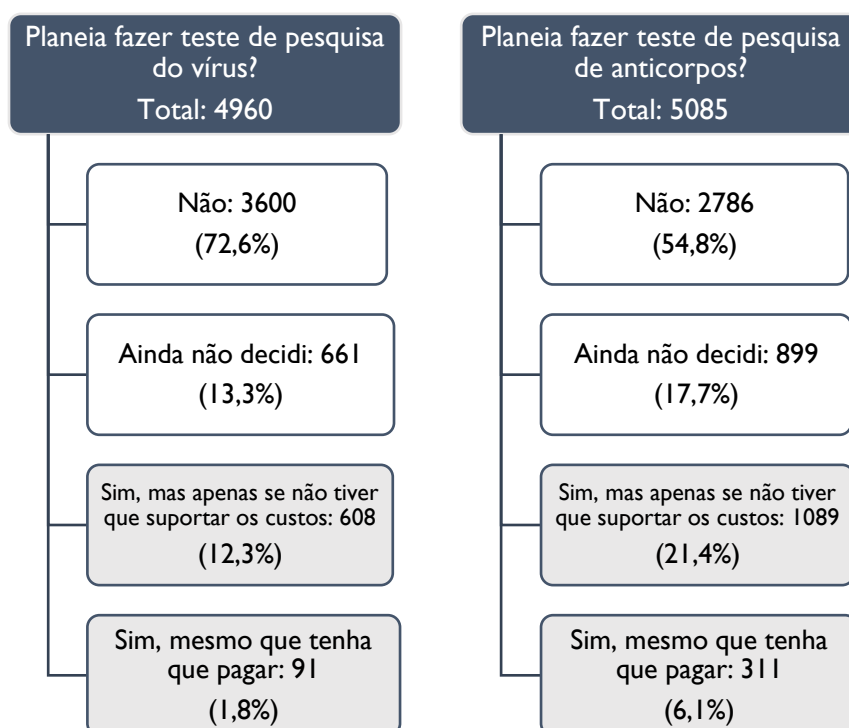
Diários de uma pandemia: Intenção de fazer testes COVID-19

O estudo:

Os Diários de uma Pandemia (<https://diariosdeumapandemia.inesctec.pt/>), uma iniciativa do ISPUP e do INESC TEC com o apoio do PÚBLICO, recolhem a cada dia e através de questionários aplicados online, a experiência individual de um largo conjunto de cidadãos entre 16 e 89 anos, que se propuseram deixar relato da forma como vivem este tempo, e em particular nos informam como atuam em relação a um conjunto de situações que poderão influenciar o curso da epidemia em Portugal. Entre 23 de março e 10 de maio de 2020, inscreveram-se para participar no estudo 13 519 pessoas, que ao longo do período em estudo preencheram mais de 300 000 questionários. Na análise incluímos dados dos 5085 participantes que responderam, entre 1 e 18 de maio de 2020 ao módulo de perguntas dedicado ao desconfinamento, que incluía as questões “Durante as próximas semanas, planeia fazer um teste para saber se está infetado (pesquisa do vírus com zaragatoa do nariz e da garganta) pelo novo coronavírus (COVID-19)?” e “Durante as próximas semanas, planeia fazer um teste para saber se já esteve infetado (teste de imunidade numa amostra de sangue) pelo novo coronavírus (COVID-19)?”.

Resultados:

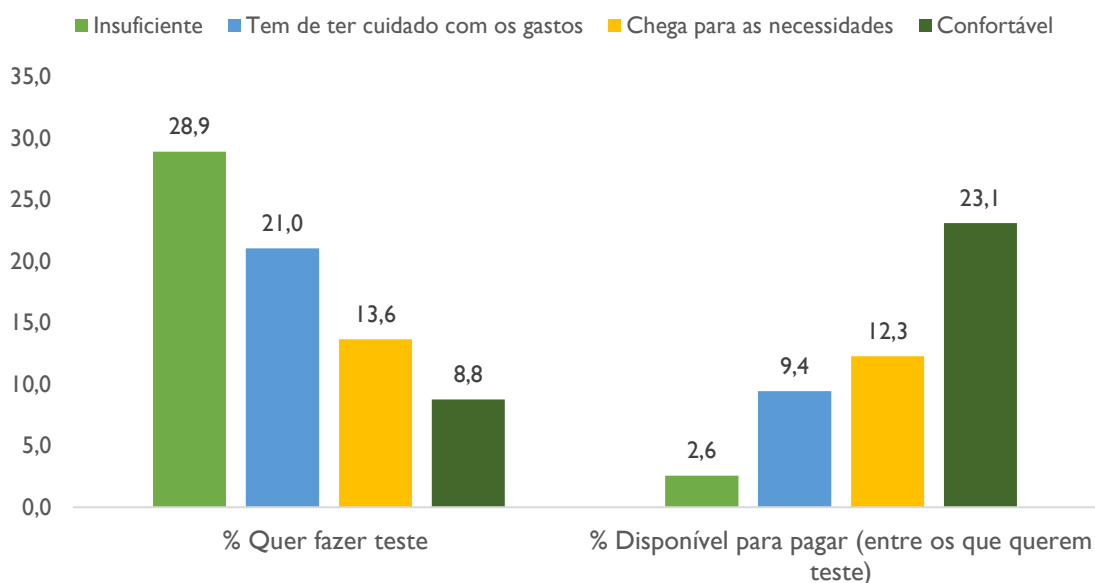
Do total de pessoas inquiridas, 14,1% (uma em cada 7 pessoas) afirmaram planejar fazer um teste de pesquisa do vírus (diagnóstico de infeção). Desses, 13,0% (1,8% do total da amostra) estavam disponíveis para pagar o teste. Mais frequente foi a intenção de fazer um teste de anticorpos (imunidade), referida por 27,5% dos inquiridos (uma em cada 4 pessoas), dos quais 22,2% (6,1% do total da amostra) estavam disponíveis para o pagar. Estavam ainda indecisos 13,3% dos inquiridos em relação ao teste de pesquisa do vírus e 17,7% em relação ao teste de anticorpos.



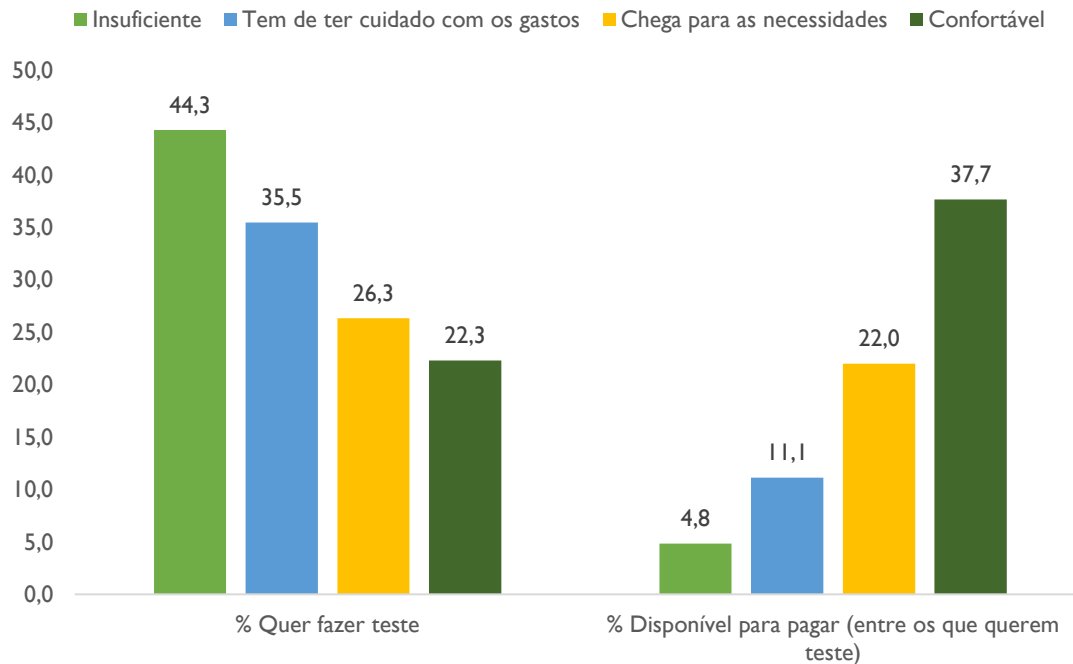
Observou-se um gradiente claro na relação entre o rendimento do agregado familiar e a vontade de fazer teste, tanto no caso da pesquisa do vírus como de anticorpos: quanto pior a apreciação do rendimento maior a proporção de pessoas que disseram planejar fazer teste. No caso do teste de diagnóstico esta proporção foi três vezes maior entre os que tinham rendimento insuficiente (29%) quando comparados com os que tinham rendimento confortável (9%). No entanto, quando considerados apenas os inquiridos que planeavam fazer teste de pesquisa do vírus, a disponibilidade para pagar tinha um gradiente inverso: 3% dos inquiridos com pior rendimento que queriam fazer teste estavam dispostos a pagá-lo, comparados com 23% daqueles com melhor rendimento.

O gradiente foi semelhante, embora menos acentuado, quando analisado o plano de fazer teste de anticorpos. A intenção de fazer teste foi o dobro entre os que tinham rendimento insuficiente (44%) quando comparados com os que tinham rendimento confortável (22%). No entanto, dos inquiridos com pior rendimento que queriam fazer teste, 5% estavam dispostos a pagá-lo, comparados com 38% daqueles com melhor rendimento.

Teste de pesquisa do vírus, de acordo com a apreciação do rendimento do agregado



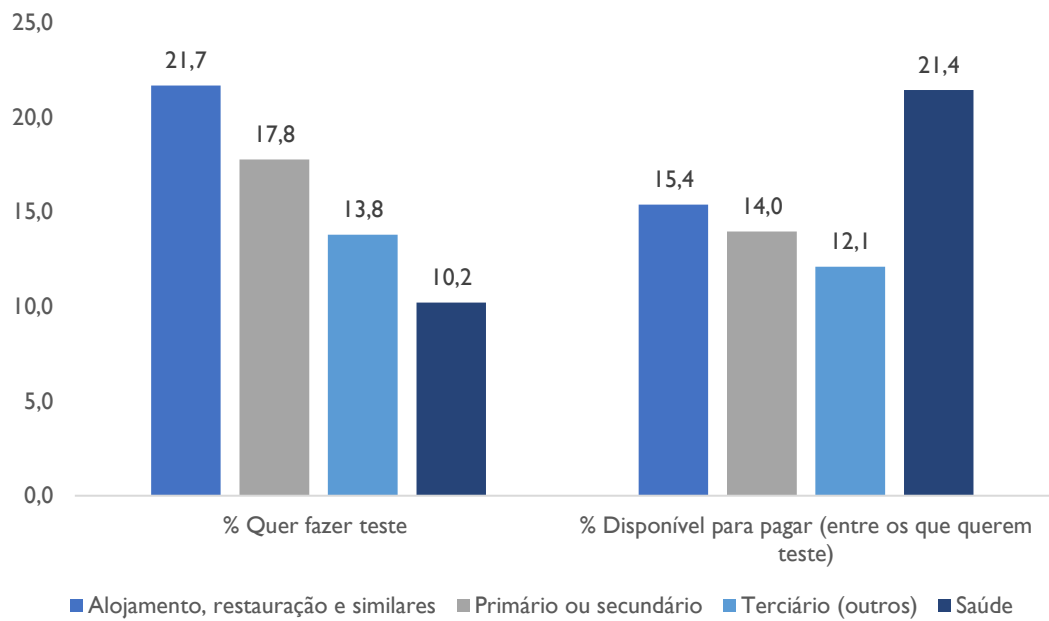
Teste de pesquisa de anticorpos, de acordo com a apreciação do rendimento do agregado



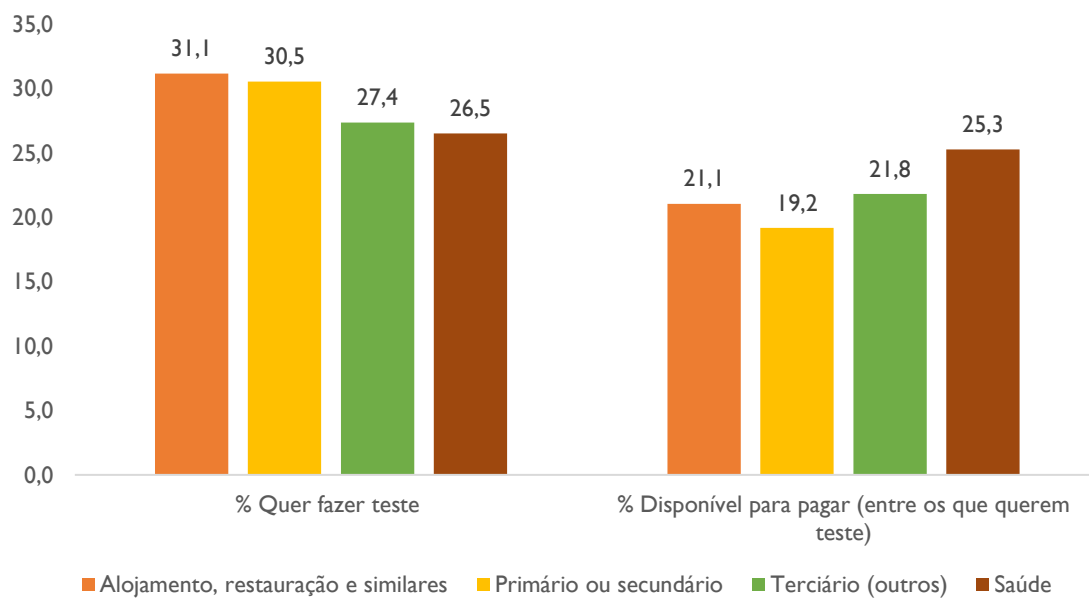
No que diz respeito ao setor de atividade profissional, entre os 3464 indivíduos empregados, os que mais planeavam fazer o teste de pesquisa do vírus eram trabalhadores do setor do alojamento, restauração e similares (22%), seguidos dos trabalhadores dos setores primário e secundário (18%), enquanto os trabalhadores da saúde foram os que menos referiram planos de fazer o teste (10%). No entanto, entre os que queriam fazer o teste, eram os trabalhadores da saúde quem mais estava disponível para pagar (21%).

Já a intenção de fazer o teste de pesquisa de anticorpos foi mais semelhante entre setores de atividade, sendo mais frequente nos trabalhadores do setor do alojamento, restauração e similares e nos trabalhadores dos setores primário e secundário (31%) e menos frequente no setor da saúde (26%). Já a disponibilidade para pagar voltou a ser maior nos trabalhadores da saúde (25% dos que queriam fazer teste) sendo menor nos trabalhadores dos setores primário e secundário (19%).

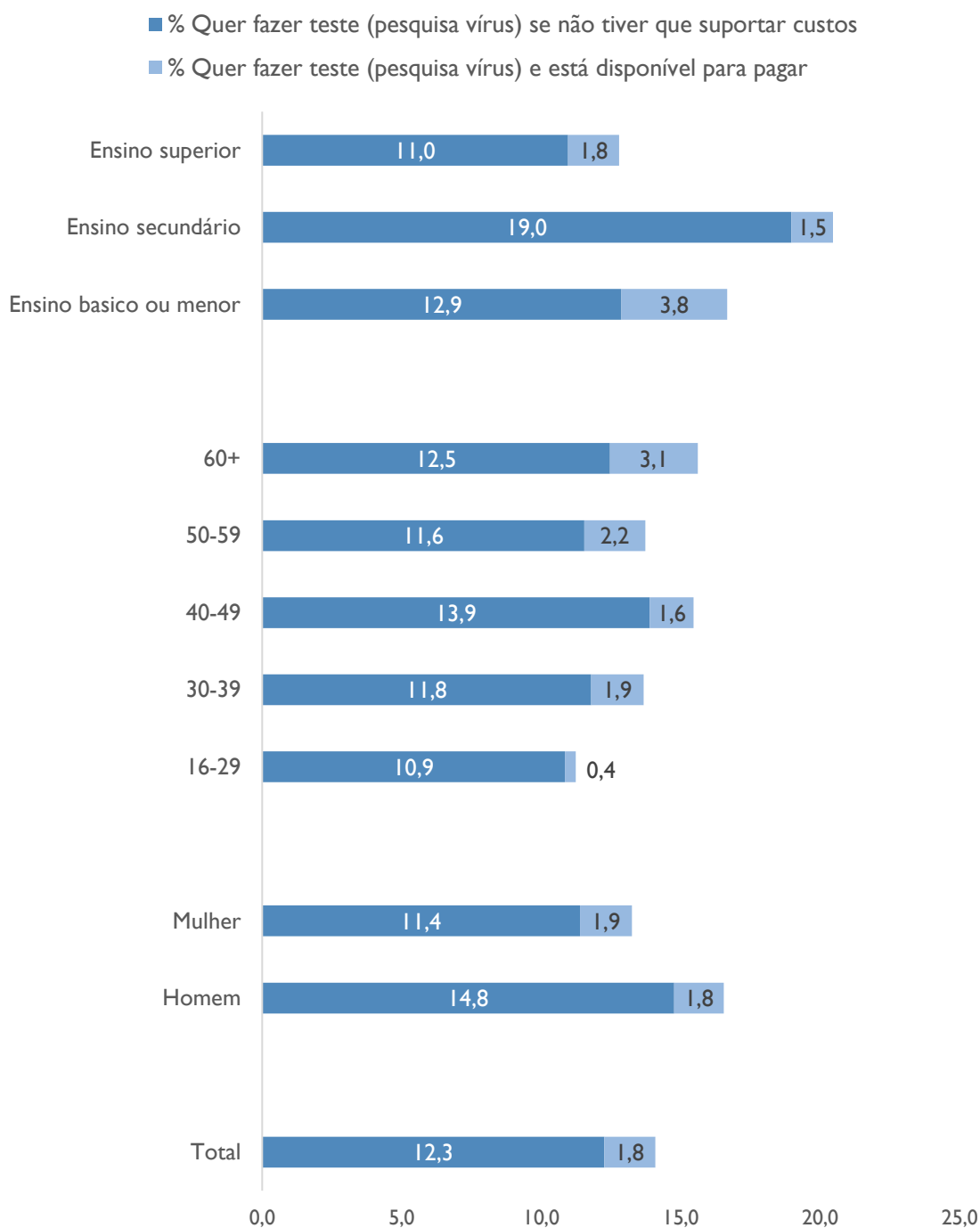
Teste de pesquisa do vírus, de acordo com o setor de atividade



Teste de pesquisa de anticorpos, de acordo com o setor de atividade



No que diz respeito ao teste de diagnóstico da infeção (pesquisa do vírus com zaragatoa), os homens tinham mais intenção de o fazer (17% vs. 13% das mulheres), bem como os inquiridos entre 40 e 49 anos e aqueles com 60 ou mais anos (16% em ambos os casos vs. 11% abaixo dos 30 anos). A intenção de fazer teste de pesquisa do vírus foi mais frequente nas pessoas com o ensino secundário (20%) e menos nas que tinham o ensino superior (13%). Se considerados apenas os inquiridos que planeavam fazer este teste, a disponibilidade para o pagar era maior nas mulheres (14% vs. 10% nos homens) e nas pessoas com 60 ou mais anos (20% vs. 3% abaixo dos 30 anos). Entre as pessoas que queriam fazer teste, 23% das que tinham o ensino básico ou menor estavam disponíveis para o pagar. Esta proporção foi menor (7%) nas pessoas com o ensino secundário.



Em relação ao teste de anticorpos (imunidade), a intenção de o fazer era ligeiramente mais frequente nos homens (29% vs. 27% das mulheres). Os inquiridos entre 40 e 49 anos eram quem mais planeava fazer teste (32% vs. 23% nos menores de 30 anos). A intenção de fazer teste de anticorpos foi um pouco mais frequente nas pessoas com o ensino secundário (29%) e menos nas que tinham o ensino básico (26%). Se considerados apenas os inquiridos que planeavam fazer este teste, a disponibilidade para o pagar era semelhante entre homens e mulheres (22% nos dois casos) mas maior nas pessoas com 60 ou mais anos (37% vs. 17% abaixo dos 30 anos). Entre as pessoas que queriam fazer teste, aquelas com o ensino secundário eram as que menos estavam disponíveis para pagar (15%, vs. 23-24% entre os restantes participantes).

